

ISABEL CALDEIRA
MARIA JOSÉ CANELO
GONÇALO CHOLANT
(ORGS.)



REINVENTAR O SOCIAL

MOVIMENTOS E
NARRATIVAS DE
RESISTÊNCIA NAS
AMÉRICAS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A partir de uma perspectiva de Estudos Inter-Americanos, os estudos de caso que compõem esta coleção debruçam-se sobre a definição do social, suas configurações tradicionais e reconfigurações mais recentes no contexto alargado das Américas, e sobre as crises e lutas sociais do passado e do presente, juntamente com as diferentes respostas, movimentos, narrativas e discursos de resistência que têm gerado. Através da exploração de novos territórios, este volume pretende contribuir para a criação de uma nova gramática e pedagogia do social, a partir de perspectivas epistemológicas e práticas sobre as Américas. É ainda de relevar o carácter interdisciplinar desta publicação, na qual se cruzam a história, a sociologia, a crítica literária, cinematográfica e musical.



I N V E S T I G A Ç Ã O



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

IMAGEM DA CAPA

André Queda

INFOGRAFIA DA CAPA

Mickael Silva

PRÉ-IMPRESSÃO

Margarida Albino

EXECUÇÃO GRÁFICA

Tipografia Lousanense

ISBN

978-989-26-2125-8

ISBN DIGITAL

978-989-26-2126-5

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2126-5>

DEPÓSITO LEGAL

491172/21

Reinventar o social : movimentos e narrativas de resistência nas Américas / org. Isabel Caldeira, Maria José Canelo, Gonçalo Cholant. – (Investigação)

ISBN 978-989-26-2125-8 (ed. impressa)

ISBN 978-989-26-2126-5 (ed. eletrónica)

I - CALDEIRA, Maria Isabel Carvalho G.

II - CANELO, Maria José Florentino Mendes, 1968-

III - CHOLANT, Gonçalo Piolti

CDU 821.7/.8.09(042)

ISABEL CALDEIRA
MARIA JOSÉ CANELO
GONÇALO CHOLANT
(COORDS.)

REINVENTAR O SOCIAL

MOVIMENTOS E
NARRATIVAS DE
RESISTÊNCIA NAS
AMÉRICAS

in memoriam Josef Raab
(1960 - 2019)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

REVISÃO POR PARES / PEER REVIEW
/ REVISIÓN POR PARES

Ana Raquel Matos

Andrés Spognardi

Begoña Dorronsoro

Breinig Heimbrecht

Bruno Muniz

Claudia Costa

Edgardo Silva

Fernando Gonçalves

Flavia Carlet

Isabel Alves

João Paulo Guimarães

Júlia F. Benzaquen

Júlia Garraio

Julia Roth

Karoline Noack

Lorena Sancho Querol

Luana Coelho

Luca Sebastiani

Manuella Tavares

Maria Irene Ramalho

María José Vilalta

Marta Alice Soares

Mauricio Hashizume

Michela Giovannini

Olaf Kaltmeier

Patrícia Cardoso

Patricia San José

Rogério Puga

Sofia de Melo Araújo

Stephen Wilson

Susana Araújo

Teresa Botelho

Teresa Cunha

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO / INTRODUCTION / INTRODUCCIÓN	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E RESISTÊNCIA / SOCIAL MOVEMENTS AND RESISTANCE / MOVIMIENTOS SOCIALES Y RESISTENCIA	
Dissent: Lifeblood of the Americas	53
Disentimiento: Sangre Vital de las Américas <i>Josef Raab</i>	
Educação popular e movimentos de mulheres.....	73
Popular Education and Women's Movements <i>Ana Célia de Sousa Santos</i>	
Para além da propriedade: as inovações narrativas dos movimentos sociais na América Latina	101
Beyond Property: The Narrative Innovations of the Social Movements in Latin America <i>Diego Matheus Oliveira de Menezes, Marina de Araújo Fernandes, Ma. Victoria Espiñeira González</i>	
Ecofeminismo e <i>buen vivir</i> : dois movimentos propulsores da expansão da racionalidade ambiental.....	137
Ecofeminism and <i>Buen Vivir</i> : Two Movements Propelling the Expansion of Environmental Rationality <i>Luísa de Pinbo Valle</i>	

EPISTEMOLOGIAS DE RESISTÊNCIA / EPISTEMOLOGIES OF
RESISTANCE / EPISTEMOLOGÍAS DE RESISTENCIA

Testimonios afroperuanos: <i>Erasmus, yanacón del valle de Chancay y Piel de Mujer</i> . Rearticulando lugares y memorias de los afrodescendientes en Perú.....	175
Afroperuvian Testimonial Narratives: <i>Erasmus, Yanacón del Valle de Chancay and Piel de Mujer</i> . Rearticulating Places and Memories of Afro-Descendants in Peru <i>Arturo Córdova Ramírez</i>	
From Abolitionism to “Slacktivism”: The Individualist Tradition, “Aesthetic Dissent”, and the Depoliticization of Political Discourses in the U.S.....	207
Del Abolicionismo al “Slacktivismo”: la Tradición Individualista, “Disidencia Estética” y Despolitización de los Discursos Políticos en Ee.Uu. <i>Olga Thierbach-McLean</i>	
Spatial Imaginations and Counter-Geographies of Oregon and the Far West	237
Imaginaciones espaciales y contrageografías de Oregón y el Lejano Oeste <i>Steffen Wöll</i>	
The Conquest of Mexico in 1846-1847 and the Narrative of Integration Seen Through the Writings of Susan Magoffin and Lewis Garrard	265
La conquista de México en 1846-1847 y la narrativa de integración vista a través de los escritos de Susan Magoffin y Lewis Garrard <i>Susanne Berthier-Foglar</i>	

DISCURSOS DE RESISTÊNCIA / DISCOURSES OF RESISTANCE /
DISCURSOS DE RESISTENCIA

Native Metal Music, Identity, and Authenticity: The Diné RezMetal
Scene 287

Metal Nativo, identidad y autenticidad: la Escena de Rezmatal Diné
Chris Lippard

Folk Music as Protest and the Progressive Voice of Woody Guthrie ... 319

La Música Folk como protesta y la voz progresiva de Woody Guthrie
John Costa

Negociación de saberes científicos y matemáticos desde la
astronomía y la cosmogonía indígena: análisis del documental
El astrónomo y el indígena 347

Negotiation of Scientific and Mathematical Knowledge from
Astronomy and Indigenous Cosmogony: Analysis of the
Documentary *El astrónomo y el indígena*
Julio Cuevas Romo

“Mythopoetic Articulations” of Space: Reinventing the City in
Contemporary Indigenous Literatures in Brazil and Canada..... 379

“Articulações mitopoéticas” do espaço: reinventando a cidade nas
literaturas indígenas contemporâneas no Brasil e no Canadá
Patricia Magazoni Gonçalves

(Re)Envisioning a Dystopian World: Gender and Inter-American Re-
lations in *House of Cards* and *The Handmaid’s Tale* 403

(Re)Imaginando um mundo distópico: gênero e relações
inter-americanas em *House of Cards* e *The Handmaid’s Tale*
Yuwei Ge

NOTAS BIOGRÁFICAS / BIOGRAPHICAL NOTES
/ NOTAS BIOGRAFICAS 431

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO / INTRODUCTION / INTRODUCCIÓN

Isabel Caldeira
Maria José Canelo
Gonçalo Cholant

No continente americano, a hegemonia dos Estados Unidos tem sido contestada ao longo do tempo, passando pela reclamação do nome América, de que o “Colosso do Norte” se apropriou. É isso que também expressa “Nuestra América” (1891), o manifesto de José Martí, que pugnava pela descolonização das mentes enquanto resistência ao imperialismo dos Estados Unidos. Por isso este intelectual cubano foi considerado um precursor da visão hemisférica das Américas que inspira o projeto dos estudos inter-americanos.

É uma história colonial aquela que fundou este continente como o conhecemos desde a modernidade. É também uma história de lutas sociais e de resistência às elites dominantes até se conquistarem as sucessivas independências, mas, além destas, para tentar corrigir as heranças de injustiça e desigualdade que sempre atingiram os grupos mais subalternizados. Insurreições de escravos, movimentos pelos direitos das mulheres e dos afro-descendentes, revoltas de trabalhadores e camponeses, movimentos indígenas contra a discriminação e o extermínio, pela posse da terra ou acesso à água, protestos de jovens contra a guerra do Vietname no século XX, protesto contra

outras guerras, como a do Iraque ou, mais recentemente, a influente presença dos movimentos sociais reunidos dentro do mote *Black Lives Matter* e suas refrações internacionais, bem como a Marcha das Mulheres em resposta à eleição de Donald Trump como o 45º presidente dos Estados Unidos, todas estas respostas sociais confirmam a capacidade do continente americano de se reconfigurar continuamente.

Na segunda metade do século XX, novas formas de desigualdade e novas dinâmicas nas sociedades e nos meios de comunicação aumentaram progressivamente a nossa consciência sobre os diversos modos como o social continua a ser renegociado. A ideia de comunidade sofreu novas reconfigurações por parte de teóricos como Jean-Luc Nancy (“the inoperative community”), Giorgio Agamben (“the coming community”) ou Bruno Latour (“reassembling the social”); a instabilidade, a incerteza e a precariedade, expandidas pela globalização, ganharam, com Zygmunt Bauman, a metáfora da “modernidade líquida”; o imaginário sociológico de Boaventura de Sousa Santos rompeu com a hegemonia epistêmica do Norte global (“epistemologias do Sul,” “ecologia de saberes”).

Os produtores culturais atuam, muitas vezes, como sismógrafos, ao revelar fricções e fissuras, enquanto os movimentos sociais dão expressão política ao descontentamento quotidiano; os *media* criam e fazem circular ideias e imaginários e a academia reflete e teoriza sobre as mudanças do mundo social. As décadas mais recentes têm-se caracterizado por novas abordagens à relação espaço-temporal e por novas redes sociais, mediacionais e relacionais; a invenção, a invocação e a narração das tradições, da história e do património servem de elementos chave na criação de novos laços sociais com as gerações anteriores.

Com a passagem para o novo milénio, grupos sociais anteriormente excluídos têm tido um papel proeminente na reinvenção do social e das suas normas; uma sociedade civil enfraquecida tem

aberto espaço à influência dos extremismos; jovens desempregados e sem perspectivas de futuro encontram novas formas de expressão e intervenção; grupos desprivilegiados manifestam-se nas ruas e através da internet; as redes sociais abrem novos canais e formatos de expressão e também novos processos de mobilização digital em massa; a literatura e as artes promovem a consciência para causas justas, emergindo o chamado “ativismo”; artistas em diversas áreas traduzem e dão forma a estes pensamentos, sentimentos e posicionamentos ideológicos; sociólogos e politólogos oferecem novas interpretações e teorias do social. É notável também a abertura dos processos de produção de conhecimento criada por estes grupos minoritários, seja pela via da popularização das tecnologias de comunicação, ou pela ocupação das formas ditas “tradicionais” de produção de discurso crítico por corpos racializados, de diferentes origens étnicas e culturais, diversas expressões de género e sexualidade, bem como por um espectro mais amplo de diferentes classes sociais e económicas.

Enquanto em vários países, incluindo os Estados Unidos, se tem observado a decadência do modelo democrático, com eleições conturbadas, chegada ao poder de líderes populistas, como Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil, redução de espaço de intervenção cívica e ataques aos direitos humanos e direitos civis, alguns sinais se têm observado também nas últimas décadas que apontam para horizontes mais alargados (“wider horizons”, H. E. Bolton) na visão do hemisfério ocidental. Por exemplo, o Presidente Justin Trudeau foi capaz de nomear um dos governos mais amplos em termos da representação social na história do Canadá; o primeiro Presidente indígena da Bolívia, Evo Morales, e o primeiro Presidente afro-americano nos Estados Unidos, Barak Obama, conseguiram promover imaginários multi- e pluriculturais, questionando as relações sociais baseadas na colonialidade; a composição do 117º Congresso nos Estados Unidos

apresenta a maior diversidade em termos raciais e étnicos de toda a sua história. Paralelamente, discussões recentes sobre conceitos indígenas como o de *Buen vivir* reclamam e apontam para relações mais equilibradas entre os seres humanos e a natureza, enquanto vários teóricos do Sul e do Norte global olham com novos olhos para saberes ancestrais e cosmovisões indígenas para contestarem a perspectiva do mundo ocidental e advogarem a sua transformação (Latour, Deloria, Mihesuah e Wilson, Taylor, Descola, Santos e Meneses, Escobar).

Contudo, a crise financeira de 2008, com origem nos Estados Unidos, seguida da recessão económica mundial, aprofundou o fosso entre o Norte e o Sul, levou ao enfraquecimento da classe média, diminuiu os poderes da classe trabalhadora, devolveu o poder à direita em várias regiões e aumentou a tensão entre partidos políticos. Mais recentemente, a pandemia do Covid-19 desvelou as grandes vulnerabilidades sociais nos vários quadrantes, expondo, no caso da América Latina mas também dos Estados Unidos, os padrões de pobreza e discriminação mais dramáticos. Longe do restabelecimento das nossas anteriores vidas, esta crise pandémica global cavou ainda mais as desigualdades mas decerto dará azo a outras reinvenções do social que possam construir um futuro menos desigual e mais verde.

A extrema-direita neoliberal tem crescido em muitos países das Américas, como a Argentina e o Brasil. Para além dos problemas económicos e dos efeitos negativos da globalização no mundo do trabalho, a falta de eficiência política para os minimizar, a corrupção aos mais altos níveis e a intolerância social relativamente a imigrantes e refugiados inspiraram novos nacionalismos e fascismos que estão a afetar seriamente a democracia, também minada pelas “fake news” e a política da pós-verdade.

Apesar de a hegemonia dos Estados Unidos ter vindo a diminuir, a eleição de Donald Trump e o seu nostálgico chavão ‘Make

America Great Again' tiveram efeitos globais, e mais especificamente nas Américas. Agravaram-se as questões da imigração dos países mais pobres da América Central, especialmente na fronteira com o México, assim como a estigmatização das diferenças raciais, étnicas, religiosas, sexuais ou de gênero; recuou-se nos direitos das mulheres, nas políticas ambientais e nos direitos humanos em geral. Apesar de a nova Administração sob Joe Biden ter vindo a tentar contrariar este percurso regressivo, ainda é cedo para sabermos o alcance e a sustentabilidade das suas medidas.

Este volume, organizado à volta do tema “Reinventar o social: movimentos e narrativas de resistência nas Américas”, foi concebido como um contributo para uma reflexão sobre atuais tendências dos estudos inter-americanos. O impulso para esta iniciativa surgiu do 5º Congresso Bienal da Associação Internacional de Estudos Interamericanos (International Association of Inter-American Studies, IAS/EIA), que organizámos na Universidade de Coimbra, em março de 2018, sobre idêntico tema: “Reinventar o social: movimentos e narrativas de resistência, dissidência e reconciliação nas Américas”. Nessa ocasião, foi rico e intenso o debate, profícuo o encontro de sensibilidades e experiências, e estimulante a diversidade de abordagens.

A decisão de incluir ensaios nas três línguas mais faladas nas Américas – inglês, espanhol e português – teve como fundamento uma aproximação da representação da multiplicidade cultural do continente americano. Para além da interdisciplinaridade, o multilinguismo é também uma das características do território e, conseqüentemente, dos estudos inter-americanos.

Os estudos de caso que compõem esta coleção debruçam-se sobre a definição do social, suas configurações tradicionais e reconfigurações mais recentes no contexto alargado das Américas, as crises e lutas sociais do passado e do presente, juntamente com as diferentes respostas, movimentos, narrativas e discursos que têm

gerado. Através da exploração de novos territórios, este volume também pretende contribuir para a criação de uma nova gramática e pedagogia do social, a partir de perspectivas epistemológicas e práticas sobre as Américas.

É ainda de relevar o caráter interdisciplinar desta publicação, na qual se cruzam a história, a sociologia, a crítica literária, cinematográfica e musical. A própria estrutura do volume, que passaremos a descrever, enfatiza essas várias áreas e perspectivas.

A abrir a primeira secção, “Movimentos sociais e resistência”, temos Josef Raab, a cuja memória dedicamos este livro. A sua perda prematura marca a Associação (IAS/EIA) que fundou e a quem dedicou longos anos como presidente. É com muita honra que incluímos aqui um dos seus últimos trabalhos, recordando com o mais profundo respeito e saudade a sua presença em Coimbra, onde não deixou de nos brindar com a sua participação, apesar do seu já delicado estado de saúde.

O artigo de Raab, “Dissent: Lifeblood of the Americas”, constitui, aliás, a abertura certa ao tema deste volume, já que aborda uma tradição de dissidência nas Américas, com raiz nas lutas contra os poderes coloniais. Usando como exemplos de reflexão variados objetos – o poema de Rodolfo ‘Corky’ Gonzales “I Am Joaquin” (1967), o romance de Mariano Azuela, *Los de Abajo* (1915), o documentário de Patricio Guzmán, “El poder popular” (uma das partes de “La batalla de Chile”) (1979) e o vídeo musical do *rapper* Kendrick Lamar, “Alright” (2015) –, Raab demonstra como os artistas mobilizam a sua criatividade para fazer jus a uma tradição de resistência contra usos abusivos do poder, afinal o que o autor apelida de “sangue vital das Américas”.

Ana Celia Santos, educadora popular e feminista, desenvolvendo a sua militância comunitária, pastoral, partidária e, hoje, profissional no Nordeste brasileiro, traz-nos, com “Educação popular e movimentos de mulheres: resistências e novas práticas educativas”, uma

reflexão sobre a forma como experiências como as da Associação de Produção “Mulheres Perseverantes”, em Teresina/Piauí, no Brasil, com o projeto de extensão “Rodas de Culturas”, podem ser traduzidas nas diferentes práticas de resistência desenvolvidas por grupos e associações espalhadas pelo Brasil. A autora demonstra como, a partir do trabalho comunitário e da economia solidária, estas mulheres se envolvem num processo de educação libertadora, anti-colonial, anti-capitalista e anti-patriarcal, e constroem uma nova maneira de ver o mundo.

Diego Matheus Oliveira de Menezes, Marina de Araújo Fernandes e Ma. Victória Espiñeira González, em “Para além da propriedade: as inovações narrativas dos movimentos sociais na América Latina”, debruçam-se sobre experiências reais de movimentos sociais na América Latina que provam como a luta pela propriedade (urbana e rural) contribui para repensar a ação coletiva e – um aspeto ainda marginal na literatura europeia e americana – a tensão entre democracia e propriedade. São três os movimentos sociais abordados neste trabalho: o Movimento dos Sem Terra - MST; o Movimento de Luta por Moradia e o Movimento de Ocupantes y Inquilinos - MOI. Os autores partem da noção de que o processo de apropriação colonial da propriedade da terra na América Latina fundou as desigualdades e as oligarquias políticas. Daí ser um elemento crucial para compreender a formação dos Estados latino-americanos e as suas dinâmicas (não)democráticas. Nos casos apresentados, a propriedade surge inicialmente como um bem a ser adquirido, sendo depois ressignificada a partir de práticas que geram um novo conceito de propriedade, a partir da gestão coletiva da terra, de experiências de autogestão, ou de ocupação de imóveis. É, por isso, “além da propriedade”, que estes movimentos abrem espaço a novas políticas emancipatórias.

Luísa de Pinho Valle, com “Ecofeminismo e *Buen vivir*: dois movimentos propulsores da expansão da racionalidade ambiental”,

traz-nos a perspectiva bem premente de uma mudança paradigmática através de teorias-práticas que pretendem construir “outro mundo possível” (Galeano 2011). Baseados na racionalidade ambiental, estes movimentos lutam contra diferentes políticas económicas que agridem a relação compartilhada entre todos os seres, esgotam os recursos naturais, expulsam povos dos seus territórios, numa lógica de exploração e desertificação. O ecofeminismo e o *buen vivir*, baseando-se numa lógica relacional ao invés de excludente entre seres humanos e não humanos, podem contribuir para novas formas de pensar e organizar a vida em comum.

A segunda secção, “Epistemologias de resistência”, agrupa diversos olhares que analisam formas e discursos de resistência relativamente às formas de conhecimento estabelecidas, da ciência moderna ao nacionalismo homogeneizador, passando pela ideologia, as representações estereotipadas de grupos minoritários e o discurso colonial.

Arturo Córdova Ramírez, em “Testimonios afroperuanos: *Erasmus, Yanacón del valle de Chancay y Piel de mujer: rearticulando lugares y memorias de los afrodescendientes en Perú*”, analisando dois testemunhos de dois autores afro-peruanos do século XX, Delia Zamudio e Erasmo Muñoz, que, segundo o autor, desafiam a instituição literária e a historiografia do Peru, a partir da sua experiência de exclusão social, desalojamento e racismo. Numa sociedade estruturalmente hierarquizada com base na raça e no género, as duas narrativas impõem a sua perspectiva contra a homogeneização de identidades e a subalternidade.

Olga Thierbach-McLean, em “From Abolitionism to ‘Slacktivism:’ The Individualist Tradition, ‘Aesthetic Dissent,’ and the Depoliticization of Political Discourses in the U.S.”, reflecte sobre uma tradição de pensamento individualista, não conformista e antiestatista nos Estados Unidos que o filósofo e escritor Ralph Waldo Emerson personifica. As transformações que a era digital tem imprimido na mobilização social ameaça corroer, segundo a autora, essa mesma tradição, ao

encorajar meros atos simbólicos individuais, enfraquecendo a ação cívica coletiva. Mas esse ativismo superficial, o chamado “slacktivism”, que atrofia o verdadeiro ativismo, revela uma tensão entre os princípios abstratos e a ação prática que Thierbach-McLean identifica também no pensamento de Emerson, sempre dividido entre a “dissensão estética” e a intervenção reformista.

Steffen Wöll, em “Spatial Imaginations and Counter-Geographies of Oregon and the Far West”, regressa à época expansionista dos Estados Unidos em direção ao Oeste. O seu artigo ressalta o papel do Oregon numa estratégia de resistência ao excepcionalismo americano, apoiado na ideologia do “Destino manifesto”. Num momento fundacional de construção de uma ideia de nação, no Oregon competiam diversíssimos grupos étnicos e entrecruzavam-se experiências que formulavam uma narrativa autonómica que subvertia o processo de integração homogeneizadora daquele tempo.

Susanne Berthier-Foglar, com “The Conquest of Mexico in 1846-1847: A Social Narrative of Integration and Reconciliation”, complementa o olhar de Wöll na tentativa de refazer a história do Oeste no século XIX. Com base na análise de duas narrativas de dois adolescentes, um jovem e uma jovem – Lewis Garrard e Susan Magoffin –, que relatam as suas incursões no Noroeste, através do caminho de Santa Fé no tempo da Guerra entre os Estados Unidos e o México, a autora reconstrói as dinâmicas de integração e reconciliação, as ambivalências dos contactos entre culturas e as tensões entre classe, género e etnicidade em época de conquista de novos territórios sob a égide da doutrina do “Destino manifesto”.

Na terceira secção, “Discursos de resistência”, Chris Lippard e John Costa trazem-nos a capacidade de resistência através da música, Julio Cuevas Romo, a dos saberes indígenas resistindo contra saberes científicos, enquanto Patricia Magazoni Gonçalves e Yuwei Ge se debruçam sobre diferentes textos, o literário e o fílmico, analisando a sua capacidade de protesto e mobilização cívica.

Chris Lippard, em “Native Metal Music, Identity, and Authenticity: The Diné RezMetal Scene”, elege o *Metal* nativo, especificamente observado na Reserva Navajo – *RezMetal* –, para reflectir sobre os estereótipos que tanto têm perseguido os povos nativos nos EUA como a própria música *Heavy Metal*. O autor argumenta que é exatamente contra a fossilização e a estagnação da experiência dos povos americanos nativos e o despojamento cultural e económico que esse tipo de música tem proliferado pelas Américas, com a sua veia transgressora e de protesto.

John Costa, em “Folk Music as Protest and The Progressive Voice of Woody Guthrie”, debruça-se sobre a *Folk music* como expressão também de protesto nos EUA, especialmente ao ser influenciada pelo Marxismo e pelo Partido Comunista, veiculando os problemas da classe trabalhadora e dos mais desprotegidos. Woody Guthrie foi um ícone desta tendência que se expandiu no século XX, lançando uma nova tradição musical, e encontrou em Bob Dylan um legítimo seguidor.

Julio Cuevas Romo, em “Negociación de saberes científicos y matemáticos desde la astronomía y la cosmogonía indígena a partir del análisis del documental *El astrónomo y el indígena*”, parte da análise do documentário realizado por Sylvie Blum e Carmen Castillo, em 2002, que documenta a construção do observatório *ALMA* no deserto de Atacama, no Chile, junto de uma centenária aldeia indígena. O documentário pergunta sobre a possibilidade de coexistência de duas formas de olhar o céu, a científica (da astronomia moderna) e a mágica (da cosmogonia indígena). Cuevas Romo questiona o saber científico e matemático, que se apresenta como universal, mas se impõe como o único válido, fechando a possibilidade de diálogo com outros saberes. Apesar de a ciência e a matemática não serem excludentes em si, é na sua aplicação que a sociedade desenha as suas exclusões.

Patricia Magazoni Gonçalves, em “Mythopoetic Articulations’ of the Space: Reinventing the City in Contemporary Indigenous Literatures in Brazil and Canada”, analisa dois textos de autores indígenas, *Crônicas de São Paulo*, do brasileiro Daniel Munduruku, e *Islands of Decolonial Love*, da canadiana Leanne Simpson. São Paulo e Peterborough são os espaços urbanos que estas duas narrativas reconstroem, justapondo à sua história colonial nomes e histórias outras. Através da memória e da imaginação (“articulações mitopoéticas”), argumenta a autora, Munduruku e Simpson reclamam epistemologias indígenas (*Munduruku* e *Anishinaabeg*), que foram soterradas, e assim descolonizam e ressignificam a geografia urbana.

Finalmente, Yuwei Ge, com “(Re)Envisioning a Dystopian World: Gender and Diversity in *House of Cards* and *The Handmaid’s Tale*”, aborda a representação distópica de questões de gênero em duas séries televisivas, *House of Cards* (Netflix, 2013-2018) e *The Handmaid’s Tale* (Hulu, iniciada em 2017). O fito é articular essas representações com a problemática atual dos direitos das mulheres e das minorias e o papel dos Estados Unidos nas relações inter-americanas. Ataques à democracia, sintomas de sexismo, racismo, xenofobia, homofobia, misoginia e populismo alastram na peugada da eleição de Donal Trump, enquanto movimentos como *Black Lives Matter*, *Me Too*, ou *Time’s Up* se erguem para defender os direitos em risco. A literatura distópica e as séries televisivas desempenham neste contexto um papel importante ao fornecerem às pessoas possibilidade de identificação e estímulo à mobilização.

Perpassa por todo este livro uma forte sensibilidade social, uma consciência cívica e política e um desejo de um futuro melhor, o que nos ajuda a acreditar que o “sangue vital” do pensamento dissidente que Raab identifica na tradição das Américas está também presente na comunidade intelectual que somos. Quer passe pela educação popular como espaço de produção de práticas e saberes que renovam e atualizam saberes ancestrais, como encoraja Santos; pelos movi-

mentos sociais que ressignificam o conceito liberal de propriedade privada, como documentam Menezes, Fernandes e González; pelo ecofeminismo e o *buen vivir*, capazes de (re)orientar-nos, como seres humanos, como defende Pinho Valle; pela solidariedade com os *yanaconas* negros, a tradição dos *cimarrones* e a resposta das mulheres à violência, como nos mostra Córdova Ramírez, ou com a classe trabalhadora e os mais subalternizados, como fizeram artistas através da música *folk*, como nos mostra Costa; quer pela consciência de que, apesar da tentação do cómodo “slacktivism”, o movimento alargado de protesto que se seguiu ao assassinato de George Floyd veio comprovar que persiste um ativismo presencial coletivo forte, como defende Thierbach-McLean. A resistência contra o *imperium* pode estar presente nos confins do Oeste ou Noroeste nos EUA do século XIX, contra a potência de uma ideologia excepcionalista, como provam Wöll ou Berthier-Foglar; na transgressiva música Metal produzida na recôndita reserva Navajo, como expõe Lippard; ou na cosmogonia indígena contra a invasão da astronomia moderna no deserto de Atacama, no Chile, como reflecte Cuevas Romo. E a ficção pode reclamar-se o espaço de ressignificação e de contestação, denúncia, consciencialização, e mobilização, como documentam Magazoni Gonçalves e Yuwei Ge.

Esperamos que este volume possa revivificar o diálogo do qual estes ensaios resultaram e apontar para novos trilhos a explorar no futuro, contribuindo para a causa que nos une, o desenvolvimento dos estudos interamericanos dentro e além da Europa.

Obras Citadas

Agamben Giorgio. *The Coming Community*. Trans. Michael Hardt. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

Bauman, Zygmunt. *Liquid Times: Living in an Age of Uncertainty*. Cambridge and New York: Polity Press, 2007.

- Deloria, Vine, Jr. *Red Earth, White Lies: Native Americans and the Myth of Scientific Fact*. New York: Scribner, 1995.
- Descola, Philippe. *Beyond nature and culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 2013 [2005].
- Escobar, Arturo. *Pluriversal Politics: The Real and the Possible*. Durham: Duke University Press, 2020.
- Bolton, Herbert Eugene. "The Epic of Greater America". *The American Historical Review*, vol. 38, n° 3, 1933, pp. 448-74.
- Galeano, Eduardo. Entrevista na Acampada BCN, gravada na Plaza Catalunya, Barcelona, 2011. https://www.youtube.com/watch?v=IcC0_DbbiHo. Acesso 10.07.2021.
- Latour, Bruno. *We Have Never Been Modern*. Trans. Catherine Porter. Harvard University Press, 1993.
- Latour, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory*. New York: Oxford University Press, 2005.
- Martí, José. "Nuestra América" [1891]. semarti.cu/publicacion/nuestra-america-2/. Accessed 10.07.2021.
- Mihesuah, Devon Abbot and Angela Cavender Wilson. "Introduction." *Indigenizing the Academy: Transforming Scholarship and Empowering Communities*. Eds. Devon Abbot Mihesuah and Angela Cavender Wilson. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004.
- Nancy, Jean-Luc. *The Inoperative Community*. Trans. Peter Connor, Lisa Garbus, Michael Holland, and Simona Sawhney. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991 [1986].
- Santos, Boaventura de Sousa and Maria Paula Meneses, eds. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2018.
- Santos, Boaventura de Sousa, "Para Além do Pensamento Abissal: Das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes", *Revista Crítica Ciências Sociais*, n° 78, 2007, pp. 03-46.
- Taylor, Bron. *Dark Green Religion. Nature Spirituality and the Planetary Future*. Berkeley: University of California Press, 2010.

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUCTION

Isabel Caldeira

Maria José Canelo

Gonçalo Cholant

The hegemony of the United States in the American continent has been contested throughout the times, including laying claim to the name America after its appropriation by the “Colossus of the North”. That is the view also expressed by “Nuestra America” (1891), José Martí’s manifesto that called for the decolonization of the minds as resistance to United States. imperialism. For this reason, the Cuban intellectual was regarded as a precursor of an hemispheric vision for the Americas that remains the inspiration for the inter-American studies project.

Colonial history laid the foundations of this continent as we have known it since modernity. This history is also one of social struggles and resistance against the ruling elites until the winning of one after another independence across the continent. But struggles have also been there to correct the legacies of injustice and inequality that have always targeted the subordinate groups. From slave insurrections, to movements for the rights of women and Afrodescendants; workers’ and peasants’ revolts; indigenous movements against discrimination and extermination, for land ownership or access to water; twentieth-century youth protests against the

Vietnam war, and protests against other conflicts, such as the Iraqi war; or yet more recently, the powerful presence of a conglomerate of social movements under the slogan ‘Black Lives Matter’ and its international refractions; or the Women’s March in response to Donald Trump’s election as the 45th President of the United States – all of these social reactions confirm the ability of the American continent to continually reshape itself.

In the second half of the twentieth-century we witnessed an increase in new forms of disparity and new dynamics in both the societies and the media. They substantially enlarged our awareness about the manifold ways of renegotiating the social in the present. The idea of community underwent new reconfigurations by scholars such as Jean-Luc Nancy (“the inoperative community”), Giorgio Agamben (“the coming community”) or Bruno Latour (“reassembling the social”). Zygmund Bauman’s metaphor “liquid modernity” wrapped up the instability, uncertainty, and precariousness expanded by globalization. Boaventura de Sousa Santos’s sociological imaginary severed the epistemic hegemony of the global North (“epistemologies of the South”, “ecology of knowledge”).

Cultural producers often have a seismographic function in revealing social frictions and fissures, while social movements connect discontent in daily life with its political expression. The media create and circulate ideas and imaginaries; and the academia reflects upon and theorizes the changes in the social. The recent decades have featured new approaches to the space-time relation and the emergence of new social, mediation, and relational networks. The invention, invocation and narration of traditions, history and heritage became key-elements in the creation of new social bonds with previous generations.

Moving into the new millennium, previously excluded social groups gained a leading role in the reinvention both of the social and of its norms. A weakened civil society has paved the way to the influ-

ence of extremisms; unemployed youth with no future perspectives find new forms of expression and intervention; underprivileged groups demonstrate on the streets and through the internet; social media open new channels and formats of expression and also novel processes of digital mobilization *en masse*; literature and the arts promote the awareness for just causes, with the emergence of the so-called “artivism”; artists in diverse areas translate and shape these insights, feelings, and ideological positionings; sociologists and political scientists offer new interpretations and theories of the social. Also remarkable is the opening of processes for knowledge production by these minorities, either through the popularization of communication technologies, or the occupation of the so-called “traditional” forms of production of critical discourse by racialized bodies of multiple ethnic and cultural origins, diverse expressions of gender and sexuality and also by a wider spectrum of multiple social and economic classes.

In several countries, including the United States, we have been witnessing the decadence of the democratic model, with tumultuous elections, the arrival into power of populist leaders such as Donald Trump in the United States and Jair Bolsonaro in Brazil, the contraction of the space for civil intervention, and attacks to human and civic rights. But in the last decades there have also been some signs revealing broader horizons (‘wider horizons’, H. E. Bolton) in the envisioning of the western hemisphere. For instance, Justin Trudeau named one of the most diverse governments in Canada’s history, in terms of social representation; the first Indigenous president in Bolivia, Evo Morales, and the first African-American president of the United States, Barack Obama, were able to promote multi- and pluricultural imaginaries, thereby questioning social relations based on coloniality; the composition of the 117th Congress of the United States comprises the widest diversity in racial and ethnic terms in all its history. In tandem with this, recent debates on Indigenous

concepts such as *buen vivir* signal and claim more balanced relations between humans and nature. In turn, several scholars in the global South and the global the North are shedding new light on ancestral knowledges and Indigenous cosmovisions to contest the eurocentric perspective pervasive in the West and call for its transformation (Latour, Deloria, Mihesuah and Wilson, Taylor, Descola, Santos and Meneses, Escobar).

However, the 2008 financial crisis, originating in the United States and followed by a world economic recession, escalated the North-South divide, weakened the middle class, reduced the powers of the working class, returned the power to the Right in diverse regions, and increased the tension between political parties. More recently, the Covid-19 pandemic unveiled huge social vulnerabilities in several sectors, bringing into view the most dramatic patterns of poverty and discrimination in the case of Latin America but also of the United States. Far from the restoration of our previous ways of life, this pandemic global crisis deepened the inequalities yet futher, but will certainly generate reinventions of the social that may build up a less inbalanced and greener future.

The Far-right has grown in many of the countries in the Americas, such as Argentina and Brazil. Beyond the economic problems and the bleak effects of the globalization of the labor sector, the lack of political efficiency to minimize those effects, alongside corruption at the highest levels and social intolerance towards immigrants and refugees have inspired new nationalisms and fascisms. These movements are seriously affecting democracies, while 'fake news' and post-truth politics are adding to the undermining of the democratic systems.

Despite the recent waning of United States hegemony, the election of Donald Trump and his nostalgic slogan 'Make America Great Again' had global effects, particularly in the Americas. Immigration from the poorest Central American countries aggravated, especially

in the Mexican border, and the stigmatization of differences in race, ethnicity, religion, gender or sexual orientation aggravated as well. Women's rights took several steps back, as did environmental politics and human rights in general. In spite of the efforts put by the new Administration under Joe Biden to rebuff the regressive course, it is still early to know the reach and feasibility of Biden's measures.

This volume, put together around the theme "Reinventing the Social: Movements and Narratives of Resistance in the Americas", was designed as a contribution to a reflection on current trends in the area of inter-American studies. The urge for this venture resulted from the 5th Biennial Conference of the International Association of Inter-american Studies (IAS/EIA), which we organized at the University of Coimbra, in March 2018, under a similar topic: "Reinventing the Social: Movements and Narratives of Resistance, Dissidence and Reconciliation in the Americas". The debate was rich and intense, the encounter was fruitful in sensibilities and experiences, while the diversity in approaches was very stimulating.

The decision to include essays in the three most spoken languages in the Americas – English, Spanish and Portuguese – is justified by the intention to convey a closer representation of the cultural multiplicity of the American continent. Besides interdisciplinarity, multilinguism is also a feature of this territory and, accordingly, of inter-American studies.

The case-studies that compose this collection reflect on the definition of the social, its traditional configurations and more recent reconfigurations in the broad context of the Americas. They also delve into past and present social crises and struggles, alongside the different responses, movements, narratives and discourses they gave rise to. By means of the exploration of new territories, the present volume also aims at contributing to the creation of a new grammar and pedagogy of the social from both epistemic and practical perspectives on the Americas.

We would also like to highlight the interdisciplinary nature of this publication, in which history, sociology, literary, film and music critique crisscross each other's ways. The structure of the volume, described in the following paragraphs, stresses the diversity of areas and perspectives.

The first section, "Social movements and resistance", begins with an essay by Joseph Raab, to whom this book is dedicated, *in memoriam*. His premature loss marks the Association (IAS/EIA) he founded and to which he devoted extensive years as president. It is a great honor to include one of his last papers, remembering his presence in Coimbra with the most profound respect and longing. He did not refrain himself from presenting us with his company, despite his already feeble condition.

Raab's essay, "Dissent: Lifeblood of the Americas", constitutes, it should be noted, the right opening to the theme of this volume, since it deals with a tradition of dissent in the Americas with deep roots in the struggles against the colonial powers. Using as illustration for his reflection several objects – Rodolfo 'Corky' Gonzales's poem "I Am Joaquin" (1967), Mariano Azuela's novel, *Los de Abajo* (1915), Patricio Guzmán's documentary, "El poder popular" (a part of "La batalla de Chile") (1979) and *rapper* Kendrick Lamar's music video, "Alright" (2015) –, Raab demonstrates as artists mobilize their creativity to do justice to a tradition of resistance against abusive uses of power, what the author aptly identifies as 'Americas' vital blood'.

Ana Celia Santos, a popular educator and a feminist who has been developing her communitarian, pastoral, partisan and, currently, also her professional activism in the Brazilian Northeast, presents "Popular Education and Women's Movements". In this essay she offers a critical assessment of how experiences based on the outreach project "Rodas de Culturas" [Wheels of Cultures], developed by the Production Association "Mulheres Perseverantes" [Persevering Women], in Teresina/Piauí, in Brazil, may translate into

different practices of resistance by groups and associations spread around the country. The author shows how the women engage in a project of liberating, anti-colonial, anti-capitalist and anti-patriarchal education which leads to a new worldview.

Diego Matheus Oliveira de Menezes, Marina de Araújo Fernandes and Ma. Victória Espiñeira González, in “Beyond Property; the Narrative Innovations of Social Movements in Latin America” approach real experiences of social movements in Latin America that convey that the struggle for (urban and rural) property plays a part in rethinking collective action. Their research also reveals a tension between democracy and property, an aspect still marginal in the European and American critical literature. They address three different movements: the *Movimento dos Sem Terra* - MST [Landless Movement]; the *Movimento de Luta por Moradia* [Struggle for Residence Movement] and the *Movimiento de Ocupantes y Inquilinos* - MOI [Occupiers and Tenants Movement]. The authors depart from the argument that the process of colonial appropriation of land ownership in Latin America established inequality and political oligarchies. Hence its importance in understanding the formation of the Latin American States and their (non)democratic dynamics. In the case studies presented, property emerges initially as an asset to be acquired and is later resignified following practices that eventually generate a new concept of property. This change occurs after experiences in collective management, self-management or occupation of real estate have taken place. These movements therefore make room to new emancipatory politics that move “beyond property”.

Luisa do Pinho Valle, in her essay “Ecofeminism and *Buen Vivir*: Two Movements Propelling the Expansion of Environmental Rationality”, presents us with the very urgent perspective of a paradigmatic shift led by theories-practices aimed at building “another possible world” (Galeano 2011). Based on environmental rationality, the movements under analysis fight against diverse economic

politics that damage the relation shared among all beings, exhaust natural resources, expel peoples from their territories, in a logic of exploitation and desertification. Ecofeminism and *buen vivir*, grounded on a relational rather than exclusive logic between human and non-human beings, may contribute to the emergence of new ways of thinking and organizing a life in common.

The second section, “Epistemologies of Resistance”, brings together different perspectives in the examination of forms and discourses of resistance regarding established forms of knowledge, from modern science to homogenizing nationalism, ideology, stereotypical representations of minority groups, and colonial discourse.

Arturo Córdova Ramírez, in “Afroperuvian Testimonial Narratives: *Erasmus, Yanacón del valle de Chancay y Piel de mujer*. Rearticulating Places and Memories of Afro-Descendants in Peru”, looks into two testimonios written by two twentieth-century Afro-Peruvian authors, Delia Zamudio and Erasmo Muñoz. According to the author, the writers challenge the Peruvian literary institution and historiography based on their experience of social exclusion, removal and racism. In a hierarchically structured society based on race and gender, these two narratives press their perspectives against the homogenization of identities and subalternity.

Olga Thierbach-McLean, in “From Abolitionism to ‘Slacktivism’: The Individualist Tradition, ‘Aesthetic Dissent,’ and the Depoliticization of Political Discourses in the U.S.”, discusses the tradition of individualism, non-conformism and anti-State authority in the United States embodied by philosopher and writer Ralph Waldo Emerson. The transformations in social mobilization brought about by the digital era, according to the author, threaten to undermine that tradition, as they encourage mere symbolic individual actions and thus weaken collective civic action. Yet, this superficial activism – the so-called ‘slacktivism’ –, which emaciates real activism reveals a tension between the abstract principles and practical action. To

Thierbach-McLean, the same tension can be found in Emerson's thought, evincing a permanent dilemma between 'aesthetic dissent' and reformist intervention.

Steffen Wöll, in "Spatial Imaginations and Counter-Geographies of Oregon and the Far West", goes back to the westward expansionist era in the United States. His essay stresses the role of the state of Oregon in developing a strategy of resistance against American exceptionalism sustained by Manifest Destiny. In a foundational period in the construction of the idea of a nation, very diverse ethnic groups in Oregon competed among themselves, interweaving experiences that rendered an autonomous narrative subversive of the process of homogenizing integration in place at the time.

Susanne Berthier-Foglar's "The Conquest of Mexico in 1846-1847: A Social Narrative of Integration and Reconciliation" complements Wöll's perspective in the attempt to remake the history of the West in the nineteenth century. The essay focuses on two narratives, by a young man and a young woman – Lewis Garrard and Susan Magoffin –, which report their incursions into the Northwest through the Santa Fe trail during the United States.- Mexican War. The author reconstructs the dynamics of integration and reconciliation, the ambivalent contacts among cultures, and the tensions among class, gender, and ethnicity, at a time of new territorial conquest under the aegis of the Manifest Destiny doctrine.

In the third section, "Discourses of Resistance", Chris Lippard and John Costa bring in the power of resistance through music; Julio Cuevas Romo, the ability of Indigenous knowledges to resist against scientific knowledges, while Patricia Magazoni Gonçalves and Yuwei Ge delve into different texts, both literary and filmic, to analyse their capacity to convey protest and civic mobilization.

Chris Lippard's essay, "Native Metal Music, Identity, and Authenticity: The Diné RezMetal Scene", elects Indigenous Metal, observed in a Navajo reservation – RezMetal –, to reflect on the

stereotypes that have hunted the native peoples, and heavy metal music as well. The author argues that the proliferation in the Americas of this type of music, with its transgressive and protesting vein, reveals a need to speak against the fossilization and ruin of the Native American peoples' experience and their cultural and economic plundering.

John Costa, em “Folk Music as Protest and The Progressive Voice of Woody Guthrie”, debruça-se sobre a *Folk music* como expressão também de protesto nos EUA, especialmente ao ser influenciada pelo Marxismo e pelo Partido Comunista, veiculando os problemas da classe trabalhadora e dos mais desprotegidos. Woody Guthrie foi um ícone desta tendência que se expandiu no século XX, lançando uma nova tradição musical, e encontrou em Bob Dylan um legítimo seguidor.

In “Negotiation of Scientific and Mathematical Knowledge from Astronomy and Indigenous Cosmogony: Analysis of the Documentary *El astrónomo y el indígena*” [*The Astronomer and the Indigenous*], Julio Cuevas Romo analyses Sylvie Blum and Carmen de Castillo's documentary *El astrónomo y el indígena* (2002), which documents the construction of the ALMA observatory in the Atacama desert, in Chile, near a centennial indigenous village. The documentary debates the possibility of coexistence of two ways of looking at the sky, the scientific (modern astronomy) and the magical (indigenous cosmogony). Cuevas Romo questions the scientific and mathematical knowledge presented as universal but which is imposed as the only valid form of knowledge, closing the possibility of dialogue with other knowledges. Despite the fact that science and mathematics are not exclusive in themselves, they are used to draw social exclusions.

Patricia Magazoni Gonçalves, in the essay “‘Mythopoetic Articulations’ of the Space: Reinventing the City in Contemporary Indigenous Literatures in Brazil and Canada”, examines two texts by Indigenous writers, *Crônicas de São Paulo* [*São Paulo Chronicles*],

by Brazilian writer Daniel Munduruku, and *Islands of Decolonial Love*, by Canadian author Leanne Simpson. Both narratives reconstruct the urban spaces of São Paulo and Peterborough, juxtaposing colonial histories and other histories. By means of memory and the imagination (“mythopoetic articulations”), Patricia Gonçalves defends that these spaces make a claim to the buried indigenous epistemologies (*Munduruku* and *Anishinaabeg*), thereby decolonizing and resignifying the urban geography.

The final essay, Yuwei Ge’s “(Re)Envisioning a Dystopian World: Gender and Diversity in *House of Cards* and *The Handmaid’s Tale*”, provides us with an approach to dystopic representations and issues of gender in two television series, *House of Cards* (Netflix, 2013-2018) and *The Handmaid’s Tale* (Hulu, beginning in 2017). Her goal is the articulation of these representations with the current problematic of women’s and minorities’ rights in tandem with the role of the United States. in inter-American relations. Attacks to democracy, symptoms of sexism, racism, xenophobia, homophobia, misogyny, and populism spread widely after the election of Donald Trump, while movements such as Black Lives Matter, Me Too, or Time’s Up build up to defend the rights at risk. In this context, dystopian literature and television series play an important part in providing people with the possibility of finding identification and boosting their mobilization.

A strong social sensitivity runs throughout this book, together with a civic and political awareness, and the desire for a better future. This helps us to believe that the “vital blood” of dissident thought that Raab identifies in the tradition of the Americas is also alive in the intellectual community we ourselves are. Be it through popular education as a space for the production of practices and knowledges that renew and update ancestral knowledges, as Santos encourages us to credit; through the social movements that resignify the liberal concept of private property, as Menezes, Fernandes

and González document; through ecofeminism and *buen vivir*, that allow us to (re)-orient ourselves as human beings, as Pinho Valle advocates; through solidarity with the Black *vanaconas*, the tradition of the *cimarrones*, and women's response to violence, as demonstrated by Córdova Ramírez; or through solidarity with the working class and the subaltern, as artists exemplified through folk music, as Costa describes; through the awareness that, despite the temptation of comfortable 'slacktivism', the vast protest movement following George Floyd's murder attested to the endurance of a strong collective in-person activism, as Thierbach-McLean defends. Resistance against the *imperium* may be found in the confines of nineteenth-century United States West and Northeast, contesting the power of an exceptionalist ideology, as Wöll and Berthier-Foglar demonstrate; in the transgressive RezMetal music made in the deep Navajo reservation, as evinced by Lippard, or in indigenous cosmogony against the invasion of modern astronomy, in the Atacama desert in Chile, after Cuevas Romo's reflection.

We hope this volume will enable us to reexperience the dialogue from which these essays sprang, and point towards new trails to explore in the future. We also expect it to contribute to the cause that unites us, the development of inter-American studies in Europe, and beyond Europe.

Works cited

- Agamben Giorgio. *The Coming Community*. Trans. Michael Hardt. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- Bauman, Zygmunt. *Liquid Times: Living in an Age of Uncertainty*. Cambridge and New York: Polity Press, 2007.
- Deloria, Vine, Jr. *Red Earth, White Lies: Native Americans and the Myth of Scientific Fact*. New York: Scribner, 1995.
- Descola, Philippe. *Beyond nature and culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 2013 [2005].

- Escobar, Arturo. *Pluriversal Politics: The Real and the Possible*. Durham: Duke University Press, 2020.
- Bolton, Herbert Eugene. "The Epic of Greater America". *The American Historical Review*, vol. 38, n° 3, 1933, pp. 448-74.
- Galeano, Eduardo. Interview in Acampada BCN, recorded at Plaza Catalunya, Barcelona, 2011. https://www.youtube.com/watch?v=lcCO_DbbiHo. Accessed 07.10.2021.
- Latour, Bruno. *We Have Never Been Modern*. Trans. Catherine Porter. Harvard University Press, 1993.
- Latour, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory*. New York: Oxford University Press, 2005.
- Martí, José. "Nuestra América". semarti.cu/publicacion/nuestra-america-2/ [1891]. Accessed 07.10. 2021.
- Mihesuah, Devon Abbot, and Angela Cavender Wilson. "Introduction." *Indigenizing the Academy: Transforming Scholarship and Empowering Communities*. Eds. Devon Abbot Mihesuah and Angela Cavender Wilson. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004.
- Nancy, Jean-Luc. *The Inoperative Community*. Trans. Peter Connor, Lisa Garbus, Michael Holland, and Simona Sawhney. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991 [1986].
- Santos, Boaventura de Sousa e Maria Paula Meneses, orgs. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2018.
- Santos, Boaventura de Sousa. "Para Além do Pensamento Abissal: Das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes", *Revista Crítica Ciências Sociais*, n° 78, 2007, pp. 03-46.
- Taylor, Bron. *Dark Green Religion. Nature Spirituality and the Planetary Future*. Berkeley: University of California Press, 2010.

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUCCIÓN

Isabel Caldeira

Maria José Canelo

Gonçalo Cholant

En el continente americano, la hegemonía de Estados Unidos ha sido disputada a lo largo del tiempo, incluida la reivindicación del nombre América, del que se apropió el “Coloso del Norte”. Esto también se expresa en “Nuestra América” (1891), el manifiesto de José Martí, que abogaba por la descolonización de las mentes como resistencia al imperialismo estadounidense. Por ello, este intelectual cubano fue considerado precursor de la visión hemisférica de las Américas que inspira el proyecto de los estudios interamericanos.

Es una historia colonial que fundó este continente tal y como lo conocemos desde la modernidad. Es también una historia de luchas sociales y de resistencia a las élites dominantes hasta conquistar las sucesivas independencias, pero más allá de éstas, en un intento de corregir las herencias de injusticia y desigualdad que siempre han afectado a los grupos más subordinados. Levantamientos de esclavos, movimientos por los derechos de las mujeres y los afrodescendientes, revueltas obreras y campesinas, movimientos indígenas contra la discriminación y el exterminio, por la propiedad de la tierra o el acceso al agua, protestas juveniles contra la guerra de Vietnam en el siglo XX, protestas contra otras guerras como la de Irak o, más

recientemente, la influyente presencia de los movimientos sociales aglutinados en el lema *Black Lives Matter* y sus refracciones internacionales, así como la Marcha de las Mujeres en respuesta a la elección de Donald Trump como 45º presidente de Estados Unidos, todas estas respuestas sociales confirman la capacidad del continente americano para reconfigurarse continuamente.

En la segunda mitad del siglo XX, nuevas formas de desigualdad y nuevas dinámicas de las sociedades y los medios de comunicación han aumentado progresivamente nuestra conciencia de las diversas formas en que lo social sigue siendo renegociado. La idea de comunidad ha sido objeto de nuevas reconfiguraciones por parte de teóricos como Jean-Luc Nancy (“the inoperative community”), Giorgio Agamben (“the coming community”) o Bruno Latour (“reassembling the social”); la inestabilidad, la incertidumbre y la precariedad, ampliadas por la globalización, han ganado, con Zygmunt Bauman, la metáfora de la “modernidad líquida”; la imaginación sociológica de Boaventura de Sousa Santos ha roto con la hegemonía epistémica del Norte global (“epistemologias do Sul”, “ecología de saberes”).

Los productores culturales actúan a menudo como sismógrafos, revelando fricciones y fisuras, mientras que los movimientos sociales dan expresión política al descontento cotidiano; los medios de comunicación crean y hacen circular ideas e imaginarios y el mundo académico reflexiona y teoriza sobre los cambios del mundo social. Las últimas décadas se han caracterizado por los nuevos enfoques de la relación espacio-tiempo y por las nuevas redes sociales, mediáticas y relacionales; la invención, la invocación y la narración de las tradiciones, la historia y el patrimonio sirven como elementos clave en la creación de nuevos vínculos sociales con las generaciones anteriores.

Con el paso al nuevo milenio, grupos sociales antes excluidos han desempeñado un papel destacado en la reinención de lo social y sus normas; una sociedad civil debilitada ha abierto espa-

cio a la influencia de los extremismos; jóvenes desempleados sin perspectivas de futuro encuentran nuevas formas de expresión e intervención; grupos desfavorecidos se manifiestan en las calles y a través de Internet; las redes sociales abren nuevos canales y formatos de expresión y también nuevos procesos de movilización digital masiva; la literatura y las artes promueven la concienciación por causas justas, con la aparición del llamado “artivismo”; artistas de diversos ámbitos traducen y dan forma a estos pensamientos, sentimientos y posiciones ideológicas; los sociólogos y politólogos ofrecen nuevas interpretaciones y teorías de lo social. También es destacable la apertura de los procesos de producción de conocimiento creada por estos grupos minoritarios, ya sea a través de la popularización de las tecnologías de la comunicación, o a través de la ocupación de las llamadas formas “tradicionales” de producción de discurso crítico por parte de cuerpos racializados, de diferentes orígenes étnicos y culturales, de diversas expresiones de género y sexualidad, así como de un espectro más amplio de diferentes clases sociales y económicas.

Si bien en varios países, entre ellos Estados Unidos, se ha observado la decadencia del modelo democrático, con elecciones conflictivas, la llegada al poder de líderes populistas como Donald Trump en Estados Unidos y Jaír Bolsonaro en Brasil, la reducción del espacio de intervención ciudadana y los ataques a los derechos humanos y civiles, también se han observado en las últimas décadas algunas señales que apuntan a horizontes más amplios (“wider horizons”, H. E. Bolton) en la visión del hemisferio occidental. Por ejemplo, el presidente Justin Trudeau ha sido capaz de nombrar a uno de los gobiernos más amplios en términos de representación social de la historia de Canadá; el primer presidente indígena de Bolivia, Evo Morales, y el primer presidente afroamericano de Estados Unidos, Barak Obama, han sido capaces de promover imaginarios multi y pluriculturales, cuestionando las relaciones sociales basadas

en la colonialidad; la composición del 117° Congreso de Estados Unidos muestra la mayor diversidad en términos de raza y etnia de su historia. Paralelamente, los recientes debates sobre conceptos indígenas como el de “Buen vivir” reivindican y apuntan a relaciones más equilibradas entre los seres humanos y la naturaleza, mientras que varios teóricos del Sur y del Norte Global proyectan una nueva mirada sobre los conocimientos ancestrales y las cosmovisiones indígenas para impugnar la perspectiva del mundo occidental y abogar por su transformación (Latour, Deloria, Mihesuah y Wilson, Taylor, Descola, Santos y Meneses, Escobar).

Sin embargo, la crisis financiera de 2008, originada en Estados Unidos y seguida de la recesión económica mundial, profundizó la brecha entre el Norte y el Sur, provocó el debilitamiento de la clase media, disminuyó los poderes de la clase trabajadora, devolvió el poder a la derecha en varias regiones y aumentó la tensión entre los partidos políticos. Más recientemente, la pandemia de Covid-19 ha puesto al descubierto las grandes vulnerabilidades sociales en diversos ámbitos, exponiendo, en el caso de América Latina pero también de Estados Unidos, los patrones más dramáticos de pobreza y discriminación. Lejos de restaurar nuestra vida anterior, esta crisis pandémica mundial ha profundizado aún más las desigualdades, pero sin duda dará lugar a otras reinenciones de lo social que pueden construir un futuro menos desigual y más verde.

La extrema derecha neoliberal ha crecido en muchos países de las Américas, como Argentina y Brasil. Además de los problemas económicos y los efectos negativos de la globalización en el mundo laboral, la falta de eficacia política para minimizarlos, la corrupción en las altas esferas y la intolerancia social hacia los inmigrantes y refugiados han inspirado nuevos nacionalismos y fascismos que están afectando gravemente a la democracia, minada también por las “fake news” y la política de la posverdad.

Aunque la hegemonía de Estados Unidos ha ido disminuyendo, la elección de Donald Trump y su nostálgico lema “Make America Great Again” ha tenido efectos globales, y más concretamente en las Américas. Los problemas de inmigración de los países más pobres de Centroamérica, especialmente en la frontera con México, se han agravado, así como la estigmatización de las diferencias raciales, étnicas, religiosas, sexuales o de género; los derechos de las mujeres, las políticas medioambientales y los derechos humanos en general han retrocedido. Aunque la nueva Administración de Joe Biden ha intentado contrarrestar este rumbo regresivo, aún es demasiado pronto para conocer el alcance y la sostenibilidad de sus medidas.

Este volumen, organizado en torno al tema: “Reinventar o social: movimientos e narrativas de resistência nas Américas” (“Reinventar lo social: movimientos y narrativas de resistencia, disidencia y reconciliación en las Américas”), fue concebido como una contribución a la reflexión sobre las tendencias actuales de los estudios interamericanos. El impulso de esta iniciativa surgió del V Congreso Bienal de la Asociación Internacional de Estudios Interamericanos (International Association of Inter-American Studies, IAS/EIA), que organizamos en la Universidad de Coímbra en marzo de 2018 sobre idéntico tema: “Reinventar o social: movimentos e narrativas de resistência, dissidência e reconciliação nas Américas”. En esa ocasión, el debate fue rico e intenso, el encuentro de sensibilidades y experiencias fructífero, y la diversidad de enfoques estimulante.

La decisión de incluir ensayos en los tres idiomas más hablados en las Américas -inglés, español y portugués- se basó en un enfoque para representar la multiplicidad cultural del continente americano. Además de la interdisciplinariedad, el multilingüismo es también una de las características del territorio y, en consecuencia, de los estudios interamericanos.

Los estudios de caso que componen esta colección se centran en la definición de lo social, sus configuraciones tradicionales y

sus reconfiguraciones más recientes en el contexto más amplio de las Américas, las crisis y luchas sociales del pasado y del presente, junto con las diferentes respuestas, movimientos, narrativas y discursos que han generado. A través de la exploración de nuevos territorios, este volumen también pretende contribuir a la creación de una nueva gramática y pedagogía de lo social, desde perspectivas epistemológicas y prácticas en las Américas.

También digno de mención el carácter interdisciplinar de esta publicación, en la que se entrecruzan la historia, la sociología y las críticas literaria, cinematográfica y musical. La propia estructura del volumen, que describiremos a continuación, pone de relieve estos distintos ámbitos y perspectivas.

Abre la primera sección: “Movimientos sociales y resistencia”, Josef Raab, a cuya memoria dedicamos este libro. Su prematura pérdida marca a la Asociación (IAS/EIA) que fundó y a la que dedicó largos años como presidente. Es un gran honor incluir aquí una de sus últimas obras, recordando con el más profundo respeto y nostalgia su presencia en Coímbra, donde no dejó de agraciarnos con su participación, a pesar de su ya delicado estado de salud.

El artículo de Raab, “Dissent: Lifeblood of the Americas”, es, de hecho, la apertura adecuada al tema de este volumen, ya que aborda una tradición de disidencia en las Américas enraizada en las luchas contra los poderes coloniales. Utilizando como ejemplos para la reflexión objetos variados - el poema de Rodolfo ‘Corky’ Gonzales “I Am Joaquin” (1967), la novela de Mariano Azuela, “Los de Abajo” (1915), el documental de Patricio Guzmán “El poder popular” (una de las partes de “La batalla de Chile”) (1979) y el vídeo musical del rapero Kendrick Lamar, “Alright” (2015) -, Raab demuestra cómo los artistas movilizan su creatividad para hacer justicia a una tradición de resistencia contra los usos abusivos del poder, al fin y al cabo lo que el autor llama la “sangre vital de las Américas”.

Ana Celia Santos, educadora popular y feminista, que desarrolla su militancia comunitaria, pastoral, partidaria y, actualmente, profesional en el Nordeste brasileño, nos trae, con “Educação popular e movimentos de mulheres: resistências e novas práticas educativas”, una reflexión sobre la forma en que experiencias como las de la Asociación de Producción “Mulheres Perseverantes”, en Teresina/Piauí, en Brasil, con el proyecto de extensión “Rodas de Culturas”, pueden traducirse en las diferentes prácticas de resistencia desarrolladas por grupos y asociaciones diseminadas por todo Brasil. La autora demuestra cómo, a partir del trabajo comunitario y la economía solidaria, estas mujeres emprenden un proceso de educación liberadora, anticolonialista, anticapitalista y antipatriarcal, y construyen una nueva forma de ver el mundo.

Diego Matheus Oliveira de Menezes, Marina de Araújo Fernandes y M^a. Victória Espiñeira González, en “Para além da propriedade: as inovações narrativas dos movimentos sociais na América Latina”, se centran en experiencias reales de movimientos sociales en América Latina que demuestran cómo la lucha por la propiedad (urbana y rural) contribuye a repensar la acción colectiva y un aspecto aún marginal en la literatura europea y americana – la tensión entre democracia y propiedad. En esta obra se abordan tres movimientos sociales: el Movimiento de los Sin Tierra - MST; el Movimiento de Lucha por la Vivienda y el Movimiento de Ocupantes e Inquilinos - MOI. Los autores parten de la idea de que el proceso de apropiación colonial de la propiedad de la tierra en América Latina fundó desigualdades y oligarquías políticas. De ahí que sea un elemento crucial para entender la formación de los Estados latinoamericanos y sus dinámicas (no)democráticas. En los casos presentados, la propiedad aparece inicialmente como un bien que se adquiere, y luego se resignifica a través de prácticas que generan un nuevo concepto de propiedad, basado en la gestión colectiva de la tierra, en experiencias de autogestión o en la ocupación de la propiedad.

Es, por tanto, “más allá de la propiedad” que estos movimientos dan cabida a nuevas políticas emancipadoras.

Luísa de Pinho Valle, con “Ecofeminismo e *Buen vivir*: dois movimentos propulsores da expansão da racionalidade ambiental”, nos aporta la perspectiva muy apremiante de un cambio paradigmático a través de teorías-prácticas que pretenden construir “otro mundo posible” (Galeano 2011). Basados en la racionalidad ambiental, estos movimientos luchan contra las diferentes políticas económicas que atentan contra la relación compartida entre todos los seres, agotan los recursos naturales, expulsan a las personas de sus territorios, en una lógica de explotación y desertificación. El ecofeminismo y el “buen vivir”, basados en una lógica relacional y no excluyente entre seres humanos y no humanos, pueden contribuir a nuevas formas de pensar y organizar la vida en común.

La segunda sección: “Epistemologías de la resistencia”, reúne diversas perspectivas que analizan formas y discursos de resistencia a las formas de conocimiento establecidas, desde la ciencia moderna hasta el nacionalismo homogeneizador, la ideología, las representaciones estereotipadas de los grupos minoritarios y el discurso colonial.

Arturo Córdova Ramírez, en “Testimonios afroperuanos: *Erasmus, Yanacón del valle de Chancay y Piel de mujer*: rearticulando lugares y memorias de los afrodescendientes en Perú”, analiza dos testimonios de dos autores afroperuanos del siglo XX, Delia Zamudio y Erasmo Muñoz, quienes, según el autor, desafían la institución literaria y la historiografía del Perú a partir de su experiencia de exclusión social, desplazamiento y racismo. En una sociedad estructuralmente jerarquizada en función de la raza y el género, las dos narrativas imponen su perspectiva contra la homogeneización de las identidades y la subalternidad.

Olga Thierbach-McLean, en “From Abolitionism to ‘Slacktivism’: The Individualist Tradition, ‘Aesthetic Dissent,’ and the Depoliticization

of Political Discourses in the U.S.”, reflexiona sobre una tradición de pensamiento individualista, inconformista y antiestatista en Estados Unidos que el filósofo y escritor Ralph Waldo Emerson personifica. Las transformaciones que la era digital han imprimido a la movilización social amenazan con erosionar, según el autor, esta misma tradición, al fomentar meros actos simbólicos individuales, debilitando la acción cívica colectiva. Pero este activismo superficial, el llamado “slacktivism”, que atrofia el verdadero activismo, revela una tensión entre los principios abstractos y la acción práctica que Thierbach-McLean también identifica en el pensamiento de Emerson, siempre dividido entre la “disidencia estética” y la intervención reformista.

Steffen Wöll, en “Spatial Imaginations and Counter-Geographies of Oregon and the Far West”, vuelve a la época del expansionismo hacia el oeste de Estados Unidos. Su artículo destaca el papel de Oregón en una estrategia de resistencia al excepcionalismo estadounidense, apoyada en la ideología del “Destino Manifiesto”. En un momento fundacional de la construcción de la nación, Oregón compitió con diversos grupos étnicos y experiencias que formularon una narrativa autónoma que subvertía el proceso de integración homogeneizador de la época.

Susanne Berthier-Foglar, con “The Conquest of Mexico in 1846-1847: A Social Narrative of Integration and Reconciliation”, complementa la mirada de Wöll sobre el intento de remontar la historia de Occidente en el siglo XIX. A partir del análisis de dos relatos de dos adolescentes, un joven y una joven – Lewis Garrard y Susan Magoffin –, que narran sus incursiones en el Noroeste a través del Camino de Santa Fe en la época de la guerra entre Estados Unidos y México, la autora reconstruye las dinámicas de integración y reconciliación, las ambivalencias de los contactos transculturales y las tensiones entre clase, género y etnia en una época de conquista de nuevos territorios bajo la égida de la doctrina del “Destino Manifiesto”.

En la tercera sección: “Discursos de resistencia”, Chris Lippard y John Costa nos traen la capacidad de resistencia a través de la música, Julio Cuevas Romo, la del conocimiento indígena resistiendo contra el conocimiento científico, mientras que Patricia Magazoni Gonçalves y Yuwei Ge se fijan en diferentes textos, los literarios y los fílmicos, analizando su capacidad de protesta y movilización cívica.

Chris Lippard, en “Native Metal Music, Identity, and Authenticity: The Diné RezMetal Scene”, elige el *Metal* nativo, específicamente observado en la Reserva Navajo – *RezMetal* – para reflexionar sobre los estereotipos que tanto han perseguido a los pueblos nativos en Estados Unidos y a la propia música *Heavy Metal*. El autor argumenta que es precisamente contra la fosilización y el estancamiento de la experiencia de los pueblos nativos americanos y su desempoderamiento cultural y económico que este tipo de música ha proliferado en las Américas, con su vena transgresora y de protesta.

John Costa, en “Folk Music as Protest and The Progressive Voice of Woody Guthrie”, examina la *música folk* como expresión de protesta en Estados Unidos, especialmente cuando está influenciada por el marxismo y el Partido Comunista, transmitiendo los problemas de la clase trabajadora y los más desfavorecidos. Woody Guthrie fue un icono de esta tendencia que se expandió en el siglo XX, lanzando una nueva tradición musical, y encontró en Bob Dylan un legítimo seguidor.

Julio Cuevas Romo, en “Negociación de saberes científicos y matemáticos desde la astronomía y la cosmogonía indígena a partir del análisis del documental El astrónomo y el indígena”, parte del análisis del documental dirigido por Sylvie Blum y Carmen Castillo en 2002, que documenta la construcción del observatorio ALMA en el desierto de Atacama en Chile, cerca de un pueblo indígena centenario. El documental se pregunta por la posibilidad de la coexistencia de dos formas de mirar el cielo, la científica (de la astronomía moderna) y la mágica (de la cosmogonía indígena).

Cuevas Romo cuestiona el conocimiento científico y matemático, que se presenta como universal, pero se impone como el único válido, cerrando la posibilidad de diálogo con otros saberes. Aunque la ciencia y las matemáticas no son excluyentes en sí mismas, es en su aplicación donde la sociedad dibuja sus exclusiones.

Patricia Magazoni 'Gonçalves, en "Mythopoetic Articulations' of the Space: Reinventing the City in Contemporary Indigenous Literatures in Brazil and Canada", analiza dos textos de autores indígenas, *Chronicles of São Paulo*, del brasileño Daniel Munduruku, e *Islands of Decolonial Love*, de la canadiense Leanne Simpson. São Paulo y Peterborough son los espacios urbanos que estas dos narrativas reconstruyen, yuxtaponiendo otros nombres e historias a su historia colonial. A través de la memoria y la imaginación ("articulaciones mitopoéticas"), argumenta el autor, Munduruku y Simpson recuperan epistemologías indígenas (*Munduruku* y *Anishinaabeg*) que han sido enterradas, y así descolonizan y resignifican la geografía urbana.

Por último, Yuwei Ge, con "(Re)Envisioning a Dystopian World: Gender and Diversity in *House of Cards* and *The Handmaid's Tale*", aborda la representación distópica de las cuestiones de género en dos series de televisión, *House of Cards* (Netflix, 2013-2018) y *The Handmaid's Tale* (Hulu, iniciada en 2017). El objetivo es articular estas representaciones con la problemática actual de los derechos de las mujeres y las minorías y el papel de Estados Unidos en las relaciones interamericanas. Los ataques a la democracia, los síntomas de sexismo, racismo, xenofobia, homofobia, misoginia y populismo se extienden tras la elección de Donal Trump, mientras movimientos como "Black Lives Matter", "Me Too" o "Time's Up" se alzan para defender los derechos en riesgo. La literatura y las series de televisión distópicas desempeñan un papel importante en este contexto al ofrecer a la gente la posibilidad de identificarse y estimular la movilización.

Una fuerte sensibilidad social, una conciencia cívica y política y un deseo de un futuro mejor recorren este libro, que nos ayuda a creer que la “sangre vital” del pensamiento disidente que Raab identifica en la tradición de las Américas está también presente en la comunidad intelectual que somos. Ya pase por la educación popular como espacio de producción de prácticas y conocimientos que renueven y actualicen los saberes ancestrales, como alienta Santos; por los movimientos sociales que resignifican el concepto liberal de propiedad privada, como documentan Menezes, Fernandes y González; por el ecofeminismo y el *buen vivir*, capaces de (re) orientarnos, como seres humanos, como sostiene Pinho Valle; por la solidaridad con los *yanaconas* negros, la tradición de los *cimarrones* y la respuesta de las mujeres a la violencia, como nos muestra Córdova Ramírez, o con la clase trabajadora y los más subalternizados, como han hecho los artistas a través de la *música folk*, como nos muestra Costa; o por la conciencia de que, a pesar de la tentación de lo cómodo “slacktivism”, el amplio movimiento de protesta que siguió al asesinato de George Floyd demostró que persiste un fuerte activismo colectivo presencial, como sostiene Thierbach-McLean. La resistencia contra el *imperium* puede estar presente en los confines del Oeste o del Noroeste en los Estados Unidos del siglo XIX, contra el poder de una ideología excepcionalista, como demuestran Wöll o Berthier-Foglar; en la música transgresora del *Metal* producida en la remota reserva Navajo, como expone Lippard; o en la cosmogonía indígena contra la invasión de la astronomía moderna en el desierto de Atacama en Chile, como refleja Cuevas Romo. Y la ficción puede pretender ser el espacio de resignificación y contestación, de denuncia, de concienciación y de movilización, como documentan Magazoni Gonçalves y Yuwei Ge.

Esperamos que este volumen pueda reavivar el diálogo del que han surgido estos ensayos y señalar nuevas vías a explorar en el

futuro, contribuyendo a la causa que nos une, el desarrollo de los estudios interamericanos dentro y fuera de Europa.

Obras Citadas

- Agamben Giorgio. *The Coming Community*. Trad. Michael Hardt. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- Bauman, Zygmunt. *Liquid Times: Living in an Age of Uncertainty*. Cambridge and New York: Polity Press, 2007.
- Deloria, Vine, Jr. *Red Earth, White Lies: Native Americans and the Myth of Scientific Fact*. New York: Scribner, 1995.
- Descola, Philippe. *Beyond nature and culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 2013 [2005].
- Escobar, Arturo. *Pluriversal Politics: The Real and the Possible*. Durham: Duke University Press, 2020.
- Bolton, Herbert Eugene. "The Epic of Greater America". *The American Historical Review*, vol. 38, n° 3, 1933, pp. 448-74.
- Galeano, Eduardo. Entrevista en la Acampada BCN, grabada en Plaza Catalunya, Barcelona, 2011. https://www.youtube.com/watch?v=IcC0_DbbiHo Acceso 10.07.2021.
- Latour, Bruno. *We Have Never Been Modern*. Trad. Catherine Porter. Harvard University Press, 1993.
- Latour, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory*. New York: Oxford University Press, 2005.
- Martí, José. "Nuestra América" [1891]. semarti.cu/publicacion/nuestra-america-2/. Acceso 10.07.2021.
- Mihesuah, Devon Abbot y Angela Cavender Wilson. "Introduction." *Indigenizing the Academy: Transforming Scholarship and Empowering Communities*. Eds. Devon Abbot Mihesuah y Angela Cavender Wilson. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004.
- Nancy, Jean-Luc. *The Inoperative Community*. Trad. Peter Connor, Lisa Garbus, Michael Holland y Simona Sawhney. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991 [1986].
- Santos, Boaventura de Sousa y Maria Paula Meneses, org. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2018.
- Santos, Boaventura de Sousa, "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes", *Revista Crítica Ciências Sociais*, n° 78, 2007, pp. 03-46.
- Taylor, Bron. *Dark Green Religion. Nature Spirituality and the Planetary Future*. Berkeley: University of California Press, 2010.